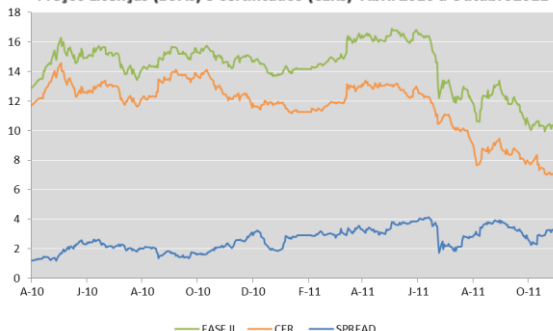


Mercados de CO₂

Preços Licenças (EUAs) e Certificados (CERs) Abril 2010 a Outubro 2011



O preço spot das Licenças de Emissão (EUAs) encerrou o mês de Outubro a €10,12, cerca de 57 cêntimos abaixo do valor de fecho do mês de Setembro.

O mês de Outubro iniciou-se num clima de grande incerteza e de queda acentuada nos mercados financeiros e de *commodities*, depois de a Grécia ter admitido de que não irá ser possível cumprir os objectivos do défice assumidos com a Troika para 2011, colocando ainda mais pressão sobre a zona Euro.

Na segunda semana de Outubro as EUAs subiram durante 8 dias tendo atingido os €10,68, com as crescentes esperanças de que a zona euro iria reforçar o seu fundo de resgate. (cont. pág. 2)

Countdown to Durban

Trabalhar em conjunto – salvando hoje o amanhã - é este o lema sob o qual, daqui a menos de 25 dias se irá iniciar mais uma sessão de trabalhos onde delegados de todas as partes do mundo irão tentar encontrar a resposta mundial às Alterações Climáticas. É já a 17ª Conferência das Partes (COP) da Convenção Quadro das Nações Unidas para as Alterações Climáticas (CQNUAC) e a 7ª Sessão da Reunião das Partes (MOP) do Protocolo de Quioto e terá lugar em Durban, África do Sul a partir de 28 de Novembro até 9 de Dezembro.

Para além do objectivo em avançar na implementação da Convenção e do Protocolo de Quioto, pretende-se ainda nesta COP/MOP fazer progredir o plano de acção de Bali, acordado na COP13 em 2007 e os Acordos de Cancun provenientes da COP 16 no ano passado. No fundo, é mais uma tentativa para os líderes mundiais concertarem uma forma efectiva de diminuir a contribuição do Homem para as mudanças no Clima recorrendo a mecanismos de financiamento, transferência de tecnologia sustentados num reporte mensurável e verificável. (cont. pág.2 e 3)

| valores em € | 31-Out | MoM | % |
|--------------|--------|-------|---------|
| EUA Spot | 10,12 | -0,57 | -5,33% |
| Fut 2011 | 10,17 | -0,57 | -5,31% |
| Fut 2012 | 10,65 | -0,54 | -4,83% |
| Fut 2013 | 11,32 | -0,66 | -5,51% |
| CERs Spot | 6,93 | -1,07 | -13,38% |

| | 31-Out | % |
|---------------------|--------|--------|
| UK Gas (NBP p/th) | 66,79 | 0,44% |
| Carvão (API2 USD/t) | 119,00 | -1,73% |
| Brent (USD/barrel) | 109,56 | 6,62% |
| Crude (USD/barrel) | 93,16 | 17,63% |
| German Baseload | 54,90 | -2,83% |

Carbon Fair Trade

Apesar de vivermos sob um regime climático internacional, unindo vários países em torno de um objectivo de redução de emissões comum (pelo menos até 2012), as emissões mundiais continuaram a crescer desde que surgiu o Protocolo de Quioto. As emissões globais cresceram 39% de 1990 a 2008, com um aumento mais acelerado na passada década mas, num nível regional, as emissões nos países desenvolvidos estabilizaram e nos países em desenvolvimento duplicaram^(2 in 1). Alguns estudos sugerem que a razão desta estabilização se deve precisamente ao comércio internacional, mais propriamente ao aumento das importações de bens e serviços⁽¹⁾. (cont. pág. 3)

Mercados de CO₂ (cont.)

Uma sondagem realizada pela Thomson Reuters Point Carbon, divulgada em meados do mês, mostrou que os analistas reduziram em 23% as suas estimativas de preços do carbono da União Europeia, para um valor médio de €12,10, até ao final do ano, reflectindo o crescente sentimento de incerteza e o excesso de oferta no mercado de carbono Europeu. Este valor representa ainda assim um forte potencial de valorização face aos actuais preços de mercado.

Os analistas referiram, nessa altura, que o mercado estaria mais confiante depois de ter atingido o ponto mais baixo dos últimos 31 meses com um valor de €9,82 no passado dia 5 de Outubro.

Enquanto isso, as CERs atingiram um mínimo histórico de €6,93, no último dia do mês esperando-se, no entanto, segundo a mesma sondagem, uma subida até aos €8,85 até ao final do ano.

Segundo os agentes, os preços de mercado das CERs abaixo dos 7 euros podem ter acontecido por vários detentores de CERs terem accionado os seus *stop loss* para cumprir com os procedimentos internos desenhados para limitar o risco.

Perto do final do mês o preço spot das EUAs recuperou mais de 20 cêntimos reflectindo o sentimento positivo que se alastrou a todos os mercados depois dos líderes europeus terem feito progressos em relação ao pacote de medidas para a zona euro. Os líderes da zona euro fizeram progressos significativos durante as conversações sobre a crise da dívida e chegaram a um acordo sobre praticamente todos os aspectos de um novo plano contra a crise que pressupõe uma redução da dívida grega e o aumento do seu fundo de estabilidade de ajuda aos países em dificuldades.

No entanto, as previsões mais negativas dos *traders* europeus de que o carbono tem permanecido um "escravo" de factores macro económicos, confirmaram-se já no início do mês de Novembro, quando o Governo grego deu luz verde à realização do controverso referendo proposto pelo primeiro-ministro, George Papandreou para decidir se a Grécia aceita ou não o compromisso de resgate feito com a União Europeia, levando a uma queda de mais de 6% nos preços do carbono.

Francisco Rosado
Director-Geral
frosado@ecotrade.pt

INFORMAÇÃO: Devido ao encerramento, para manutenção, do registo de licenças e créditos das Nações Unidas (ITL), vários registos europeus e as bolsas de spot (Bluenext) estarão encerradas até dia 14 de Novembro.

Countdown to Durban(cont.)



Num ano imerso em complexidade política e num mundo multipolarizado, a escala do desafio para o trabalho dos negociadores é enorme. Tal como relembra o jornalista Alex Kirby (Artigo de dia 24.10.2011 disponível em

<http://www.guardian.co.uk/sustainable-business/durban-climate-talks-kyoto-protocol>) as três questões principais em debate prendem-se com:

1. Qual a sequência a dar ao Protocolo de Quioto, o único tratado internacional vinculativo de Clima? Alguns países desenvolvidos querem mantê-lo, outros, como os Estados Unidos, preferem trabalhar numa arquitectura diferente, menos *top-down*, mais *bottom-up*, mas ainda indefinida.
2. Quem vai pagar? Tanto o esforço de redução (mitigação) como o de aprender a viver com as consequências que já não se conseguem evitar (adaptação) tem custos elevados.
3. Como reduzir muito e rapidamente as emissões? Quioto pretendia reduzir até ao próximo ano, 5% das emissões dos países desenvolvidos relativamente a 1990. Os cientistas alertam para reduções da ordem dos 80% até 2050.

É importante agilizar esforços para evitar um cenário climático arriscado. O potencial de emissões queimando combustíveis fósseis é maior que o nosso tecto de emissões (ou *carbon budget*) sustentável. Efectivamente, de acordo com a iniciativa Carbon Tracker (<http://www.carbontracker.org>), não falamos só de riscos físicos, mas também de riscos para os mercados de capitais. Num estudo desta iniciativa, não exceder o carbon budget mundial dos próximos 40 anos (de 565GtCO₂) significaria resistir à tentação de queimar 80% das reservas actuais e deixar de premiar a sua continuada exploração. Para não exceder o limite considerado mais seguro de 2°C, de acordo com um estudo do IPCC (Estudo citado no artigo do jornal *guardian* disponibilizado em <http://www.guardian.co.uk/sustainable-business/blog/climate-change-negotiations-road-to-durban>), cerca de 77% da energia mundial deveria passar a ser produzida por fontes renováveis até 2050 (excluindo a opção de nuclear), que exige basicamente uma revolução verde.

Countdown to Durban(cont.)

Aquilo que se requer é um debate produtivo focado na acção. Trata-se de aproveitar ao máximo a janela de oportunidade que é oferecida nesta sessão de modo a encontrar soluções políticas estruturais realmente transformadoras, focadas na transição para um mundo de baixo carbono e mais resiliente.

“The threat of global warming is simply too big for governments to spend more unproductive time arguing political positions and ignoring the imperative for accelerated action.”

Björn Stigson, president of the World Business Council for Sustainable Development
(<http://www.guardian.co.uk/sustainable-business/business-climate-change-bjorn-stigson>)

Para acompanhar as negociações de perto recomendamos: <http://www.cop17-cmp7durban.com/> e <http://unfccc.int/2860.php>

Ana Martins
Coordenadora
amartins@ecoprogresso.pt

Carbon Fair Trade

Quando nós, no Ocidente e na generalidade dos países desenvolvidos compramos, com tanta facilidade, uma peça de roupa ou um electrodoméstico, não pensamos em todo o processo que trouxe esse bem até nós, nem no impacto ambiental que teve a produção desse mesmo produto. Na realidade, através do comércio internacional, assistimos a uma “importação” de benefícios e uma “exportação” de problemas.



@<http://www.triplepundit.com/2009/07/the-impact-of-free-trade-on-climate-change/>

Num estudo do Center for International Climate and Environmental Research, em Oslo, analisou-se o crescimento das emissões via comércio internacional, no período de 1990 a 2008.

O estudo teve como objectivo não só analisar e quantificar o papel do comércio internacional no aumento das emissões a nível global, nacional e regional mas também, de que forma estas transferências podem ter facilitado a estabilização das emissões nos países mais desenvolvidos⁽¹⁾.

De acordo com as regras oficiais de reporte à Convenção Quadro das Nações Unidas para as Alterações Climáticas (CQNUAC), os países contabilizam as emissões numa base territorial. Neste estudo porém, a abordagem de contabilização é diferente, e tem por base o que é consumido dentro das fronteiras de cada país. Os resultados com a metodologia usada mostraram uma tendência contrária, ou seja, de crescimento de emissões nos países desenvolvidos, com uma grande fatia proveniente de bens e serviços importados de países em desenvolvimento.

Adicionalmente, verificou-se que, a nível global, o consumo nos países industrializados contribuiu com um aumento de emissões nos países em desenvolvimento cinco vezes maior do que representa a redução resultante da aplicação das suas próprias políticas climáticas internas ⁽¹⁾. Apesar deste crescimento económico (muitas vezes de dois dígitos) beneficiar os países em desenvolvimento há que considerar que o esforço de mitigação nestes países pode vir a tornar-se um desafio maior e mais caro no futuro ⁽¹⁾.

É de notar ainda que, aplicando esta abordagem de consumo, se verificou a mesma tendência de crescimento tanto na Europa, que assumiu uma política climática muito forte, como nos Estados Unidos da América, que não assumiu ainda um compromisso, tendo levado os autores a deduzir que o risco de fuga de carbono é muito pequeno⁽¹⁾.

A análise mostra assim que uma parte significativa do aumento das emissões à escala global provém da produção de bens que são comercializados à escala internacional, criando uma cada vez maior desproporção entre o ponto de produção e o de consumo.

É ainda sugerido que, para um quadro geral mais completo e realista, contrariando a actual arquitectura de mitigação mundial fragmentada, o sistema oficial de contabilização de emissões pode ser complementado com a inclusão das transferências de carbono que podem advir do comércio internacional. A pegada de carbono nacional seria assim complementada com as emissões resultantes das escolhas dos bens importados que os países consomem.

A mudança no paradigma das emissões requer uma forte coerência a nível internacional, algo que só se conseguirá através de um novo acordo global, à escala do Protocolo de Quioto e em conjunto com a Organização Mundial de Comércio.

Carbon Fair Trade (cont.)

Trata-se não só de uma questão ambiental, mas também uma questão de equidade. Tal como no “Fair Trade”, é preciso uma visão mais informada dos impactes em todo o ciclo de vida para que a “realidade” espacial não esconda a realidade das emissões à escala global; precisamos cada vez mais de um “Carbon Fair Trade”.

1. Glen, P. Peters, et al., 2011. Growth in emission transfers via international trade from 1990 to 2008. disponível em www.pnas.org/cgi/doi/10.1073/pnas.1006388108
2. Le Quéré C , et al.,2009. Trends in the sources and sinks of carbon dioxide. Nat Geosci 2:831–836.

Ana Martins (Coordenadora) e Miguel Brito (Estagiário)
amartins@ecoprogresso.pt

Conhecer o potencial de sumidouro para uma gestão florestal mais sustentável

A definição de métodos universais e objectivos para a contabilização do potencial de sumidouro de uma área florestal, ou seja, a quantificação da capacidade desse ecossistema para sequestrar dióxido de carbono da atmosfera, constitui um passo fundamental para a integração deste processo no mercado de carbono e correspondente eventual atribuição de créditos, no caso de o projecto ser elegível para o efeito.

De acordo com o documento *Good Practice Guidance for Land Use, Land-Use Change and Forestry*, elaborado pelo *Institute for Global Environmental Strategies* (IGES) para o *Intergovernmental Panel on Climate Change* (IPCC) em 2003, o termo **sumidouro** refere-se a qualquer processo, actividade ou mecanismo que remova gases com efeito de estufa, aerossóis ou precursores de gases com efeito de estufa da atmosfera. Assim, a fisiologia vegetal das formações arbóreas e arbustivas que constituem as áreas florestais conferem-lhes características de sumidouro.



Antes de iniciar um projecto de quantificação do potencial de sumidouro de uma qualquer área, é necessário ter presente que existem várias fases inerentes a um inventário desta natureza e que é importante respeitar um conjunto de princípios estabelecidos pelo World Resources Institute (WRI) em 2006, no relatório *The Land Use, Land-Use Change and Forestry Guidance for GHG Project Accounting*:

- **Relevância:** utilizar apenas dados, métodos, critérios e hipóteses adequadas para a utilização prevista da informação a reportar;
- **Integralidade:** considerar toda a informação relevante e que pode afectar a quantificação;
- **Comparabilidade:** recorrer apenas a dados, métodos, critérios e hipóteses que permitam comparações válidas e significativas;
- **Transparência:** fornecer informação clara e suficiente para que a credibilidade e fiabilidade dos resultados possa ser avaliada;
- **Exactidão:** reduzir a incerteza ao máximo possível;
- **Conservadorismo:** quando a incerteza existe, utilizar hipóteses, valores e procedimentos conservadores e não sobrestimar o potencial de sumidouro.



A primeira fase de um projecto de contabilização do potencial de sumidouro de uma área florestal, na qual usualmente se recorre a sistemas de informação geográfica, consiste na divisão da área de estudo em função de classes de uso. Importa notar que a **definição de floresta** nem sempre é a mesma de país para país.

Conhecer o potencial de sumidouro para uma gestão florestal mais sustentável (cont.)

O passo seguinte consiste na realização de parcelas de inventário florestal. O esforço de campo assume-se como um factor determinante para o rigor e representatividade dos dados obtidos.

A partir dos valores recolhidos no campo, através de equações definidas para este efeito, é possível calcular o *stock* de carbono e estimar o potencial de sumidouro de uma área florestal.

Este indicador contribui para um planeamento adequado das acções mais apropriadas a adoptar e qual o momento mais adequado para a sua execução, designadamente a implementação de estratégias de melhoria das propriedades da estação florestal e a gestão do regime cultural, por exemplo, intervindo na densidade do povoamento, na mistura de espécies e no período das rotações.

O conhecimento do potencial de sumidouro de uma área florestal permite assim acrescentar valor a um plano de gestão florestal e ainda aproveitar a oportunidade de rentabilizar o investimento integrando (sendo elegível para isso) o mercado de carbono, rumo à sustentabilidade.

Nuno Leandro (convidado especial - ProceSl) e Ana Martins (Coordenadora)

amartins@ecoprogresso.pt

A Ecoprogresso no GIRO 2011

No passado dia 21 de Outubro, a Ecoprogresso, juntamente com mais 400 voluntários, participou na 5ª edição do GIRO, um projecto de voluntariado empresarial promovido pelo GRACE - Grupo de Reflexão e Apoio à Cidadania Empresarial – com vista à melhoria da qualidade de vida de jovens e crianças em risco, idosos, à defesa dos animais e à recuperação de espaços naturais. Este ano, entre paredes pintadas, recolha de lixo nas arribas, angariação de brinquedos e alimentos para animais, entre outras acções, a boa disposição marcou este dia dedicado à responsabilidade social.



A iniciativa em Lisboa arrancou com a concentração de todos os voluntários no Jardim da Cidade Universitária, contando com as palavras inspiradoras de Conceição Zagalo (Presidente do GRACE), o incansável apoio de Fernanda Freitas (Coordenadora do Ano Europeu do Voluntariado) que nos lembrou tão assertivamente que “*quem quer fazer arranja maneira, quem não quer arranja desculpas*”, culminado com o “*vestir da camisola*” desta iniciativa de Pedro Mota Soares (Ministro da Solidariedade e Segurança Social).



Do leque de actividades desenvolvidas, a acção em que a Ecoprogresso participou foi no âmbito de responsabilidade ambiental: o GRACE, em parceria com a EMAC, propôs a cerca de 200 voluntários das empresas associadas a limpeza da zona costeira desde Cascais até ao Guincho, de modo a garantir a manutenção desta zona protegida. Fomos engenheiros, advogados, consultores e administrativos que trocámos assim o nosso trabalho habitual para, juntos, abraçar esta causa solidária. O Verão de Outubro lusitano – que agora já se encontra bem distante – ajudou e de que maneira na realização da tarefa. De rocha em rocha... de arbusto em arbusto... o dia GIRO foi passando, dando resposta ao desafio proposto: fazer a diferença!

No final, o esforço e energia dedicados traduziram-se na recolha de cerca de duas toneladas de lixo da zona costeira nas arribas localizadas ao longo dos cerca de 12 km que separam o Guincho de Cascais.

Como Conceição Zagalo reforçou: “*estar aqui num momento de reunião, entre centenas de voluntários comprometidos com a acção que lhes foi proposta, ultrapassa todas as expectativas (...) e confirma a grande convicção de que vale a pena continuar a investir [na matéria [de responsabilidade social]]!*”

Beatriz Pinto
Consultora Sénior

bpinto@ecoprogresso.pt



WEAR GREEN FOR COP17

Thursday 3 November 2011
marks 25 days to go

<http://www.cop17-cmp7durban.com/downloads/COP17-Wear-Green.pdf>

Código de ética carbonfree:

O carbonfree selecciona projectos que garantem uma **efectiva redução de carbono da atmosfera**. Os nossos requisitos para a selecção de créditos estão em linha com o definido pelo International Carbon Reduction and Offset Alliance (ICROA):

Adicionais - o projecto não existiria caso não houvesse o retorno dos créditos de carbono. Por outro lado essa redução não estava já planeada nas políticas existentes;

Mensuráveis – a quantidade reduzida de emissões é determinada de acordo com métodos adoptados internacionalmente;

Permanentes – as reduções de emissões (ou sequestro no caso de projectos florestais) é irreversível. Para projectos de florestação tem de ser demonstrado que a floresta sobrevive pelo menos 30 anos.

Verificáveis – todos os projectos apoiados pelo carbonfree são monitorizados e verificados por uma entidade independente que certifica de acordo com os requisitos locais e específicos do sector em causa;

Contribuição para o desenvolvimento local – são seleccionados créditos de projectos que, preferencialmente, promovem o desenvolvimento sustentável nas comunidades locais. Isto pode ser feito, por exemplo, através da melhoria da biodiversidade local, criação de empregos, assegurar acesso a energia, melhorar as condições de vida e de saúde.

Carbonfree em Novembro:

- Edifícios Balanço Zero – 22 de Novembro no Museu das Comunicações em Lisboa

<http://www.jornalarquitecturas.com/Confer%C3%Aancia/Confer%C3%AanciaEdificiosBalan%C3%A7oZero.aspx>

- 9º Encontro Anual da Valorpneu em Lisboa – 9 e 10 de Novembro de 2011 no Hotel Vip Executive Art's

http://www.valorpneu.pt/artigo.aspx?lang=pt&id_object=448&name=9%BA-Encontro-Anual-da-Valorpneu-em-Lisboa

- 6ª Expo Energia – 8, 9 e 10 de Novembro de 2011 no Centro de Congressos da Universidade Católica

<http://www.expoenergia2011.about.pt/main.html>

- Seminário Portugal e Brasil em Rede na Gestão de Resíduos – 10 a 14 de Novembro de 2011 no Sana Lisboa Hotel

<http://www.redeportugalbrasil.about.pt/>



NOTA: Os textos desta newsletter não foram escritos de acordo com o novo acordo ortográfico.

A Ecoprogresso é uma empresa:



Para mais informações contacte:

Maria João Ramos | Departamento de Comunicação
miramos@ecoprogresso.pt
T +351 217 981 210



Para Trading de Licenças contacte:

Francisco Rosado | Departamento de Trading
frosado@ecotrade.pt
T +351 217 981 212